

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 31/34
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

De Gutenberg a Bill Gates, caminhos e descaminhos da literatura

■ A epopéia de
um candango

■ A história
das HQs

HQ?



Vilã ou Heroína?

□ Wilson Rossato

*"O livro **Sedução dos Inocentes**, de F. Whertham, transformou as HQs numa grande vilã. Ele as acusava de estragar a juventude com suas histórias violentas e sua temática idiotizante. O resultado mais imediato foi a retração da indústria editorial e a criação de um código de ética."*



"**S**anta história interessante, Batman", diria Robin, o menino-prodígio, amigo do homem-morcego. E bota interessante nisso.

As Histórias em Quadrinhos (HQs) surgiram na virada do século XX, derivadas de formas de expressão mais antigas como a literatura ilustrada e os desenhos humorísticos, considerados as pré-histórias em quadrinho.

Teorias diversas sobre seu nascimento surgiram, sendo necessário que um marco zero fosse estabelecido. O consenso gira em torno da publicação de **Yellow Kid**, criação do americano Richard Outcalt, do jornal *New York World*, em 1896, apenas um ano depois da primeira projeção de cinema. Alguns estudiosos falam em HQs bem anteriores à criação de

Outcalt, mas foi só com **Yellow** que apareceram pela primeira vez dois dos mais importantes elementos para a síntese da linguagem das histórias em quadrinhos modernas. O primeiro é o uso das ilustrações. O balão passou a aparecer junto à boca dos personagens, dando maior versatilidade aos roteiros. O segundo, e mais importante, foi o fato de **Yellow Kid** ter sido publicado periodicamente por um grande jornal.

A HQ recebeu seu grande impulso quando a imprensa americana viu nela uma possibilidade de tornar seus jornais mais populares. Primeiro seus quadrinhos começaram a sair aos domingos, depois passaram a ser diários. Já na última década do século passado, os suplementos dominicais se tornaram verdadeiros tubos de ensaio para o desenvolvimento de uma linguagem específica, dando oportunidade para o surgimento de inúmeros novos autores e personagens.

Muitos deles entraram para a História, como **Os Sobrinhos do Capitão** (1896), de Rudolph Dirks; **Buster Brown** (1902), de Outcalt; **Little Nemo** (1905), de Winsor McCay e **Krazy Kat** (1911), de George Herriman. No Brasil, surgia em 1905 a revista **O Tico Tico**, abrindo o mercado para os

quadrinhos. Em suas páginas surgiram alguns dos primeiros personagens brasileiros como **Chiquinho** e **Reco-Reco**, **Bolão** e **Azeitona**, de Luís Sá.

Comics nos Estados Unidos, **Fumettù** na Itália, **Bandes dessinées** na França, **Mangá** no Japão. Em sua história, as HQs só conheceram um outro momento tão expressivo quanto o que atravessa atualmente: o período que vai de 1929, ano da quebra da bolsa de Nova Iorque, a 1939, ano do começo da Segunda Guerra Mundial. Era a época da Grande Depressão e por todo lado - no rádio, no cinema, na literatura e nos quadrinhos - o público procurava por grandes heróis que mantivessem a esperança de que as coisas poderiam melhorar.

Em 1929, Hal Foster adaptava a saga de **Tarzan**, o popular romance de Edgar Rice Burroughs, transformando o personagem em um grande sucesso. No mesmo ano surgiam **Buck Rogers**, o primeiro aventureiro intergaláctico e **Tintim**, criação do belga Hergé. Nos anos 30 nasciam **Mickey** e o império Disney, e **Dick Tracy** (1931), de Chester Gould, o primeiro detetive a usar um rádio de pulso. Em 1934, Alex Raymond criou **Flash Gordon**, que antecipou a minissaia e os foguetes aerodinâmicos, para concorrer com **Buck Rogers**, e **Jim das Selvas**, para rivalizar com **Tarzan**. No mesmo ano o desenhista Lee Falk inventou **Mandrake** e em 1936, o **Fantasma**.

Em 1937, Hal Foster criaria o **Príncipe Valente**, o clássico dos clássicos, sendo que a maioria desses personagens fez o seu próprio nome, continuando a existir no traço de outros artis-



MAS ISSO NÃO VEM AO CASO.

VOCÊ ESTÁ EM GOTHAM. SE NÃO SABE DISSO, TEM SÉRIOS PROBLEMAS COM A NOÇÃO DE REALIDADE.

SÉRIOS MESMO!

tas, mesmo depois que seus criadores os abandonaram.

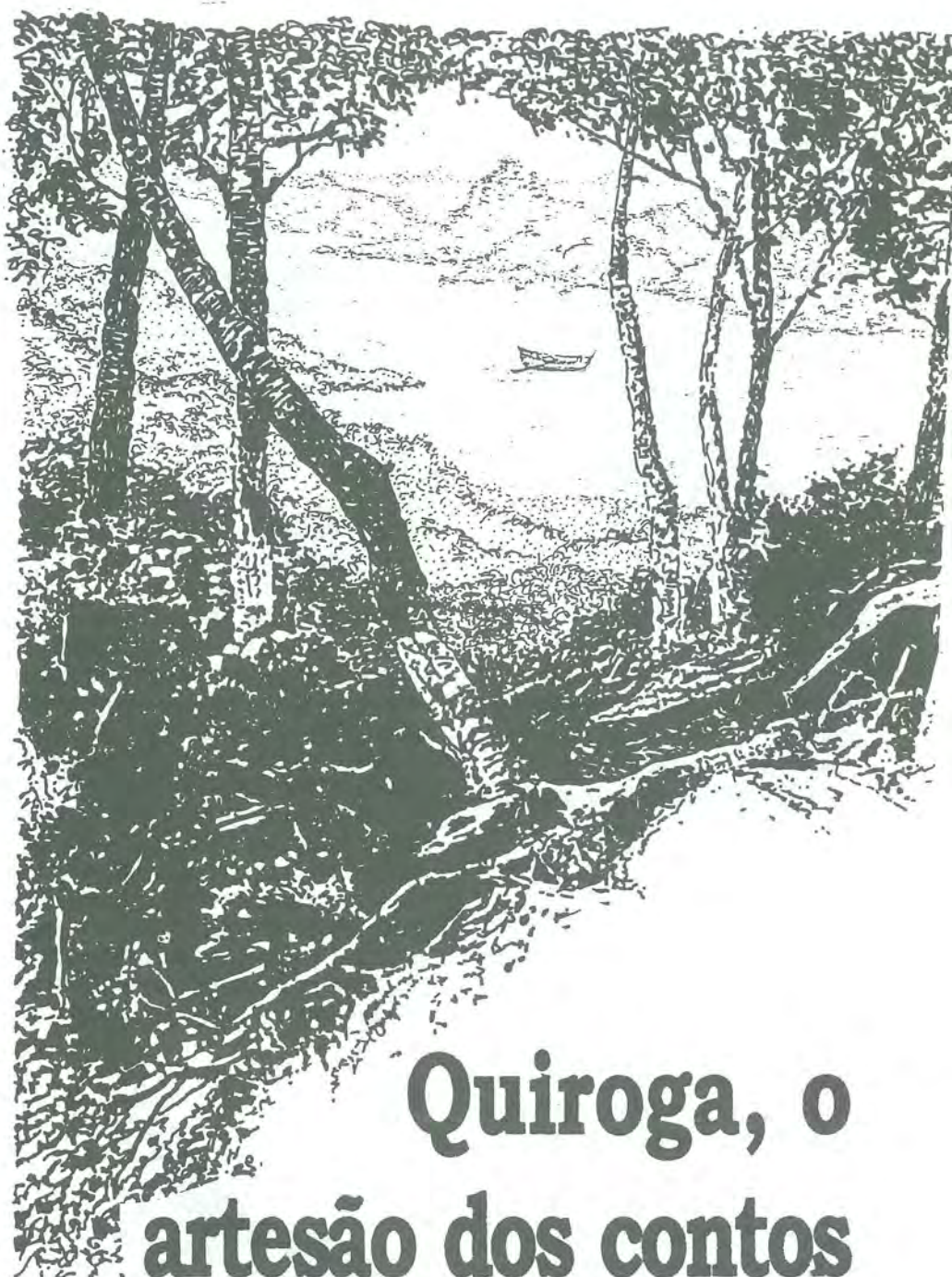
Um pouco antes da guerra, o surgimento do **Super-Homem**, da dupla Jerome Siegel e Joe Shuster, abriu o fantástico filão dos super-heróis. O mundo do crime organizado jamais seria o mesmo. Um ano depois, em 1939, foi criado o maior rival do **Super** em popularidade, o **Batman**, de Bob Kane. Com a criação do homem-morcego foi aberta a concorrência para a interminável galeria de estranhos heróis que conhecemos.

As histórias em quadrinho entraram em baixa na década de 50, sofrendo com a grande cruzada moral que assolava a América. O livro **Sedução dos Inocentes**, de F. Whertham, transformou as HQs numa grande vilã. Ele as acusava de estragar a juventude com suas histórias violentas e sua temática idiotizante. O resultado mais imediato foi a retração da indústria editorial e a criação de um código de ética, mais ou menos parecido com o que aconteceu com o cinema nos anos 30. Desse período destacam-se a criação da turma do **Charlie Brown** (1950), de Charles M. Schulz, o bom das histórias de terror e o lançamento da louquíssima revista **Mad**, em 1952, de Harvey Kurtzmann.

A década de 60 foi marcada por um grande *revival* do classicismo da "era de ouro" por parte dos europeus, que começaram a encarar as HQs como uma verdadeira forma de arte. Junto ao nascimento dos primeiros centros de estudos europeus, **Asterix**, criação de Uderzo e Goscinny, e **Corto Maltese**, de Hugo Pratt, se tornaram verdadeiras coqueluches no mundo todo. Na América surgia Stan Lee, criador da linha de roteiros introspectivos para os novos super-heróis, como o **Surfista Prateado**, que é um dos seus típicos personagens angustiados.

Depois que a França lançou a revista **Metal Hurlant**, da qual nasceria a americana **Heavy Metal**, já nos anos 70, as HQs ganharam definitivamente o status de obras de arte. O formato dos álbuns de luxo se tornou popular, dando impulso ao refinamento da produção e ao surgimento de uma geração de verdadeiros artistas, como os americanos Frank Miller, que bagunçou a vida dos super-heróis com a reformulação do caráter de **Batman**, e Bill Sienkiewicz, o italiano Milo Manara e o francês Moebius.

"... Lá embaixo, no rio de ouro, a canoa derivava velozmente, de quando em quando girando sobre si mesma nos cachões de um redemoinho. O homem que ia nela se sentia cada vez melhor e ia calculando quanto tempo se passara desde a última vez que vira seu ex-patrão Dougald. Três anos? Não, nem tanto. Dois anos e nove meses? Quem sabe oito meses e meio? Isso sim, seguramente."



Quiroga, o artesão dos contos

Neste ano faz 60 anos da morte do escritor e contista uruguaio Horácio Quiroga (1878-1937). No comentário de Ángel Rama, ele foi o primeiro escritor rio-platense no qual o *homo-faber* e o estilista andaram juntos: "Quiroga é o primeiro narrador que concebe a literatura como um ofício e a composição de contos como artesanato, relacionando-o com as atividades de inventor e mecânico que sempre o atraíram".

No sopro dos ventos do Mercosul resolvemos publicar um conto de Horácio Quiroga para fugir das citações de sempre, tais como Borges, Esquivel entre outros grandes escritores platinos. O livro "Vozes da Selva", publicado pela editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, reúne nove contos do autor, selecionados e organizados por Pablo Rocca e traduzidos por Sérgio Faraco.

Para Pablo Rocca, poderíamos